

Revista

ESCRIVERSOS

UNIVERSOS ESCRITOS

Volume 2 Julho de 2024 R\$15



Publicada em
COLATINA, ES, BRASIL
no dia
31 DE JULHO DE 2024

Edição e Design
ZIÃO DIONÍSIO

Ilustrações
DOMÍNIO PÚBLICO

Editora
TROPICALVERSOS.COM

Patrocínio
ISOLINA DE C. SOARES, PEDRO PASSAMANI,
SUELY S. ZANOTELLI, EMÍLIA DOS SANTOS
E APOIADORES DO APOIA.SE

NÃO É EXAGERO

Zião Dionísio

FALA, ALAN MOORE! #2

AOS DENTES NÃO FOI PERMITIDO MORRER

Hugo Reis

RESENHA SOBRE "AISHA, A
MULHER HEROÍNA DO QUEIMADO"
por M. Isolina de Castro Soares

ENTREVISTA COM
JACIMAR BERTI BOTI

MEU AMIGO

Kahlil Gibran

UMA CARTA DE AMOR PARA VOCÊ

Naila Linker

AGENTE 49

Antônio Augusto Bermond



Silêncio da Tarde (1900)

Wilhelm Kotarbinski (1849 - 1921)

NÃO É EXAGERO

ZIÃO DIONÍSIO

Jovem amiga, que nasceu 20 anos depois que eu, não é exagero quando você diz que seu professor é machista.

A adolescência já é complicada, pior ainda sendo uma menina... Tudo é mais difícil pras mulheres... e mais por culpa dos homens do que por causa da biologia...

Você tem todo direito de estar com raiva. A sua revolta reflete injustiças milenares. Um dia você vai saber que o mundo já teve machismos inimagináveis... e continua tendo...

Jovem amiga, os tempos são outros, mas as raízes do patriarcado ainda estão pulsando... e nelas é preciso botar fogo.

Sendo visto como um homem, o que posso te ensinar é pouco. Vivendo num corpo feminino, você vai saber o que eu não conheço.

Você é esperta. #confia.

E não abaixa a cabeça:

Roda a baiana na cara da misoginia.

FALA, ALAN MOORE!

ΤΡΕΧΟ ΔΣ UMA FALA ΔΣ ALAN MOOREΣ

TRADUZIDA POR ΖΙΑΘ ΔΙΟΝΙΣΙΘ

Fanzines foram importantes pra mim quando eu estava crescendo, tanto comprar zines quanto fazer as minhas próprias. Nos anos 70 havia toda uma cultura de revistas de poesia auto-publicadas.

Agora as pessoas dizem que existem fazines online... mas não é a mesma coisa, você não tem o Artefato.

Se você faz uma zine com um grupo de amig@s na escola, vocês terão as experiências de interagirem com outras pessoas, de criarem algo que será um objeto físico, impresso, que é totalmente de vocês e pode ser vendido.

Com as zines online você não tem essa conexão física com outras pessoas, que é criada quando imprimimos a obra, colocamos em um envelope, escrevemos os endereços nele, botamos um recadinho dentro, e enviamos pelo correio.

E então, talvez a pessoa guarde a zine como um tesouro pelos próximos 50 anos, ou talvez jogue ela fora... mas, esse é um nível completamente diferente de interação.

Na época que eu estava ligado nas revistas de poesia, fanzines e essas coisas, era uma época em que nós tínhamos uma contracultura... e, até onde eu percebo, nós não temos uma contracultura desde o comecinho dos anos 90...

As contraculturas não são perfeitas nem ideais, e elas provavelmente sempre acabam sendo assimiladas pela cultura de massa, mas eu percebi que a contracultura não é uma coisa separada da cultura de massa. Elas são como duas válvulas do mesmo órgão, e na verdade um não pode funcionar sem a outra.

Se você se livrar da contracultura porque ela se torna um incômodo, então a própria cultura vai atrofiar. E eu acho que estamos nesse ponto.

É o único caminho para progredirmos, é a margem dianteira das coisas.. Uma contracultura é vital da mesma forma que nas artes a vanguarda é vital.

Transcrito do vídeo:

[youtube.com/watch?v=5MeiTm7YdkM](https://www.youtube.com/watch?v=5MeiTm7YdkM)



Estrada com Cipreste e Estrela (1890)
Vincent van Gogh (1853 - 1890)

AOS DENTES NÃO FOI PERMITIDO MORRER

HUGO RZIS

Certa vez em uma caminhada vespertina por estradas campestres empoeiradas, adentrei um milharal recém-colhido.

Os tocos, ainda não totalmente ressequidos, apontavam, inclinados, para a direção em que a máquina havia seguido após lhes ceifar um a um.

Em determinada altura do caminho notei certa movimentação;

havia um urubus fazendo seu espetáculo aéreo, sua dança fúnebre no céu sem nuvens de julho, me aproximei de um vulto que jazia desfalecido há poucos metros da encosta da estrada;

tratava-se de uma pequena raposa, a qual parecia ter se camuflado com as cores da morte.

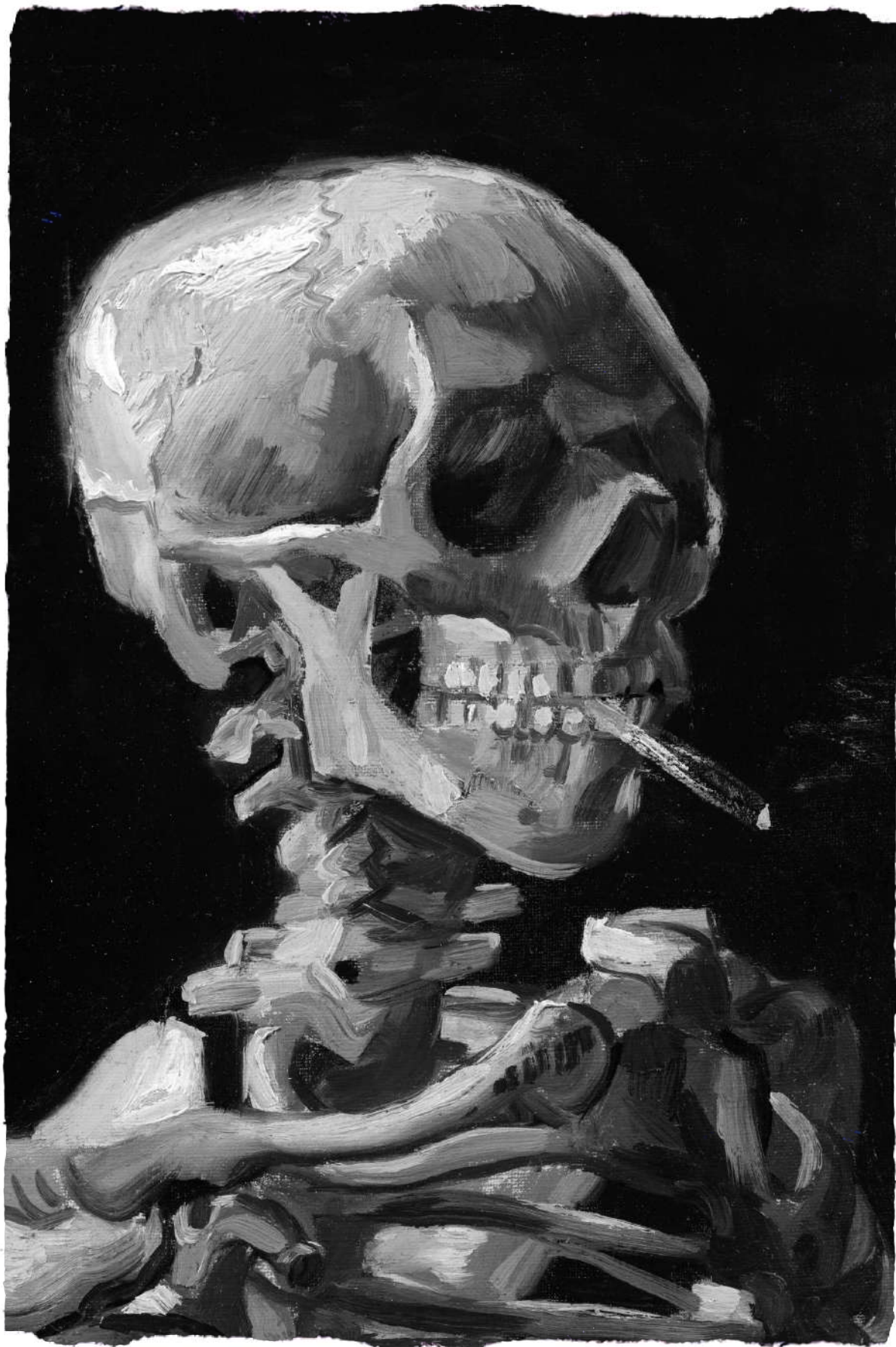
Seus pelos pareciam endurecidos. A carne, mais do que nunca aderida aos ossos, tudo o que compunha esta triste figura figurava no intento de que seus dentes, finos e brancos, fossem o principal ornamento.

Lá estava ela. É estranha a sensação de estar diante de algo selvagem, mas sem vida. Uma das maiores contradições que já pude presenciar.

É como poder tocar a ponta do chifre de um touro espanhol. É como se a vida desabitasse o próprio movimento que caracteriza a vida como movimento. Como manutenção de si própria.

É algo surreal. A vida esculpe o vivente, mesmo quando a morte faz com que ela se ausente, a vida que se viveu permanece.

Aquele monte de carne, nervos, ossos e músculos aos meus pés não podia mais agir selvagememente, mas dava para sentir a selvageria da vida vivida naquele ente decomposto que pareceu se render para que lhe fosse poupada uma possível essência ao se mostrar, finalmente, aos urubus e ao caminhante, sob o céu, sem nuvens, de julho.



Cabeça de Esqueleto com Cigarro Aceso (1886)

Vincent van Gogh (1853 - 1890)



A maneira que eles vivem

Thomas Pollock Anshutz (1851 - 1912)

AISHA, A MULHER HEROÍNA DO QUEIMADO

Resenha crítica do livro
de Clério José Borges escrita por

M. ISOLINA DΣ CASTRO SOARΣ

A obra *A mulher heroína do Queimado: Aisha Keto Korowe Detokumbo: Benedita Torreão, princesa que veio de além-mar: revolta dos negros escravos da Freguesia do Queimado* (Clério José Borges, Editora Canela Verde, Vila Velha, ES, 2023) informa ao leitor, já no título, de que heroína o historiador se encarregará: a mulher trazida para o Brasil como escrava e personagem importante na revolta dos negros pela alforria no distante Queimado, no interior do Espírito Santo.

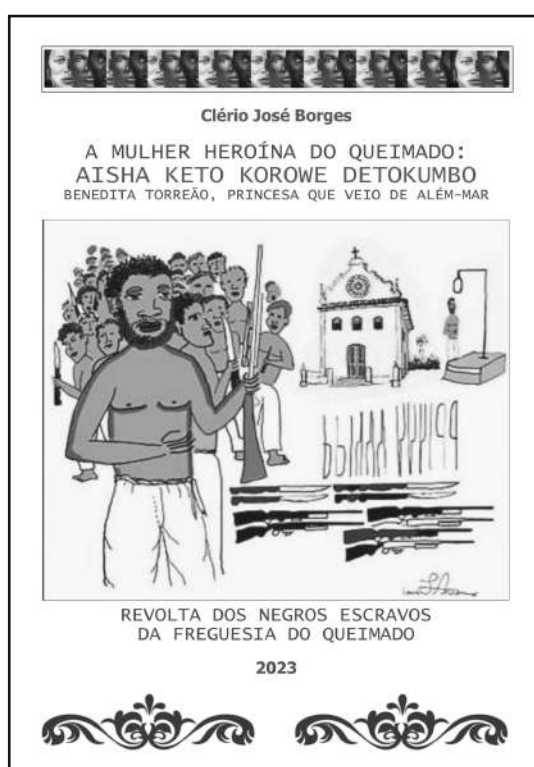
A obra é dividida em dez capítulos, cada capítulo subdividido em diversos itens. Em alguns dos capítulos, há um chamativo "Fique sabendo", para veicular informações adicionais relacionadas ao contexto.

Em toda a obra, de 96 páginas, de folhas tamanho A5, há inúmeras ilustrações, recurso que complementa as informações dadas pelo material escrito.

Logo no primeiro capítulo, o leitor fica sabendo que Aisha Keto Korowe Detokumbo nasceu na Nigéria, na nação nagô, em 1808, e em 1820 foi trazida para o Brasil e vendida no mercado de escravos em Salvador, Bahia, para Inácio Torreão. Posteriormente foi negociada novamente e trazida para o Espírito Santo, onde recebeu o nome de Benedita Torreão. Passou a viver na vila de Queimado, na região do porto de Queimado, situado no rio Santa Maria da Vitória. Atualmente essa região pertence ao município da Serra, na Grande Vitória.

No Queimado, nossa heroína conheceu o escravo Francisco de São José, o Chico Prego, de quem se tornou mulher e com quem participou da revolta dos escravos da região pela alforria. Chico Prego foi um dos líderes dessa revolta, junto com Elisiário Rangel e João da Viúva. Sua importância na luta pela liberdade é tão representativa que nomeou uma lei de incentivo à cultura no município da Serra, conhecida como Lei Chico Prego.

O livro lembra um almanaque de variedades, dadas as informações suplementares. O leitor toma conhecimento do conteúdo histórico propriamente dito, atestado com fatos, datas, documentos, referências a obras de outros historiadores, mas fica sabendo, também, de curiosidades interessantes, como reza forte de rituais de benzedeadas, a punição com o "bacalhau", referência a artigo do Código Criminal do Império, informações sobre outros autores que trataram do tema, como Afonso Cláudio, João Felício dos Santos, Guilherme Santos Neves e Maria Stella de Novaes, ou se referiram à região, como Graça Aranha. A obra é um resgate de parte da história do Espírito Santo, um documento essencial para a historiografia de nosso estado.



A mulher heroína
do Queimado: Aisha
Keto Korowe Detokumbo

Clério José Borges

Editora Canela Verde

Vila Velha, ES, 2023



Pássaro Inseparável de Face Rosada
George Edwards (1694-1773)

ENTREVISTA COM JACIMAR BERTI BOTI

POR ZIÃO DIONÍSIO

Jacimar é autor de livros didáticos e literários, foi professor de biologia por décadas, e é também o "trovador oficial" da Academia de Letras e Artes de Colatina (ES).

SUAS OBRAS INCLUEM TANTO LIVROS DE POESIAS E CONTOS QUANTO LIVROS DIDÁTICOS. COMO FOI FAZER E LANÇAR ELES?

Sempre fui apaixonado por leitura e livros, e como professor de biologia observava livros didáticos em que faltavam mais informações sobre determinados assuntos. Então comecei a produzir meus livros didáticos, conceituando melhor os tópicos e utilizando fotos de minha autoria.

No ano 2000, lancei o meu primeiro livro de biologia geral no IFES Campus - Santa Teresa (ES). Nessa época, lá ainda se chamava Escola Agrotécnica. A publicação foi patrocinado pela própria escola, que tinha uma excelente gráfica.

No total foram 11, incluindo os pequenos livros e apostilas. Depois, foram surgindo os trabalhos de pesquisa de campo. Esses, foram publicados em revista científicas nas Universidades de São Paulo (USP), Universidade Federal de Viçosa (MG), Faculdade de Santa Teresa e em livros de resumos de congressos nacionais. Ambos patrocinados pelas próprias instituições.

Em 2002 escrevi o meu primeiro livro de poesias "Menina dos Olhos Verdes" com 48 poemas. Em 2008 publiquei "Poesias Ecológicas", patrocinado pela empresa RIEEX.

Em 2021 escrevi o livro "Meus pequenos contos e Crônicas". Em 2022 escrevi um livro de pequenos contos "Sonhos & Bênçãos", ambos pela Editora GSA de Vitória (ES), mas não fiz eventos de lançamento deles.

Recentemente, em julho de 2024 escrevi um livro de contos "Experiências com Jesus" impresso por uma editora de São Paulo.

Sinto que estamos vivendo um tempo difícil para o mercado de livros. Nós escritores temos dificuldade em produzir um livro físico devido aos custos, e noto que alguns leitores não estão valorizando tanto o livro impresso. Mas ainda encontramos amantes da cultura livresca.

COMO VOCÊ CONHECEU E COMEÇOU A ESCREVER NO FORMATO DE TROVA?

Em 2008 tive uma poesia classificada em segundo lugar no concurso interno de trovas do IFES de Santa Teresa (ES).

Nessa época eu ainda não tinha muita habilidade com trovas. Foi participando de concursos que aprendi e treinei escrever nesse formato, seguindo as métricas pedidas.

A trova é uma poesia rimada com 4 versos, cada verso com 7 sílabas, contando até a última sílaba tônica de cada verso. A poesia não precisa ter rima, mas a trova precisa.

Desde 2008 participei de muitos concursos, tendo a alegria de receber premiações e medalhas por trovas que escrevi.

Essa é uma das minhas trovas:

No jardim do grande amor
Eu brinquei de bem me quer
No peito guardei a flor
Para o dia da mulher.

VOCÊ É MEMBRO DE ACADEMIAS DE LETRAS, COMO É PARTICIPAR DESSES GRUPOS?

Sou membro da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas Trovadores (ACLAPT) desde 2017 quando foi criada em Vitória (ES), e também da Academia de Letras e Artes de Coiatina (ALARC), desde 2022.

Vejo que há um aprendizado na interação com os colegas escritores, pois nos dá a oportunidade de conhecer os trabalhos de cada um, e ficamos sabendo de atividades culturais que acontecem.

As academias desenvolvem atividades na literatura, na música e na arte, buscando a conexão entre os membros e o povo. Procuro participar de todas as reuniões que consigo e ser um membro ativo na divulgação cultural.

COMO É A EXPERIÊNCIA DE PARTICIPAR DE FEIRAS LITERÁRIAS, E QUAL A IMPORTÂNCIA DELAS PARA A CULTURA E A SOCIEDADE?

Particpei de várias feiras literárias aqui no Espírito Santo e também no Rio de Janeiro e São Paulo. Algumas foram feiras pequenas e outras foram feiras grandes.

As feiras literárias maiores tem muito apoio, inclusive de grandes editoras. As maiores sempre tem um enorme grupo de pessoas envolvidas.

A última feira em que participei como expositor foi em Piúma (ES) (FliPiúma de 23 a 25 de maio de 2024). Nessa feira todas as atividades ocorreram em um galpão do IFES de Piúma, e as apresentações musicais e de teatro foram no mesmo horário da exposição dos livros dos escritores.

Observei que, quando os artistas entravam em cena ninguém visitava os livros. Os expositores ficavam abandonados. Nas feiras que aconteceram em áreas abertas, mesmo tendo apresentações musicais e teatro, o povo circulava por toda área e via todas as exposições.

Hoje noto um comportamento vicioso, principalmente nas pessoas que não largam o celular. Vejo também que o livro está sendo esquecido. Aquela boa leitura no livro embaixo de uma árvore, ou em uma viagem, quase não observo mais.

Por isso penso que as feiras literárias tem muito a contribuir para a cultura, e promover esse resgate do hábito da leitura, pois "os livros dão asas a imaginação".



A Montanha Abençoada (1926)
Kahlil Gibran (1883 - 1931)

MEU AMIGO

KAHLIL GIBRAN

Meu amigo, eu não sou o que pareço. Parecer é apenas uma roupa que eu visto — uma vestimenta tecida com cuidado, que me protege dos seus questionamentos e protege você da minha negligência.

O "eu" em mim, meu amigo, mora na casa do silêncio, e nela permanecerá para todo o sempre, despercebido, inalcançável.

Eu não quero que você acredite no que digo nem confie no que faço — pois as minhas palavras não são nada além dos seus próprios pensamentos em som, e meus atos são suas próprias esperanças em ação.

Quando dizes: "O vento sopra para o leste", eu digo: "Sim, sopra para o leste"; pois não quero que saibas que minha mente não repousa sobre o vento, pois repousa sobre o mar.

Você não consegue entender meus pensamentos navegantes, e eu também não quero que você entenda. Quero estar junto ao mar sozinho.

Quando com você é dia, meu amigo, comigo é noite; mas mesmo assim falo do meio-dia que dança sobre as colinas e da sombra púrpura que faz seu caminho pelo vale; pois você não consegue ouvir as canções da minha escuridão, nem ver minhas asas batendo diante das estrelas – e eu não quero que você ouça ou veja. Quero estar sozinho com a noite.

Quando você ascende ao seu Céu, eu desço ao meu Inferno – mesmo assim você me chama através do abismo intransponível: "Meu companheiro, meu camarada", e eu te chamo de volta: "Meu camarada, meu companheiro" – pois eu não quero que você veja o meu Inferno. As chamas queimariam a sua visão e a fumaça entupiria as suas narinas. E eu amo muito bem o meu Inferno para receber a sua visita nele. Quero estar no Inferno sozinho.

Você ama a Verdade, a Beleza e a Retidão; e eu, para o seu bem, digo que é bom e decente amar estas coisas. Mas em meu coração eu rio do seu amor. No entanto, eu não quero que você veja minha risada. Quero rir sozinho.

Meu amigo, você é bom e cauteloso e sábio; não, você é perfeito – e eu,

também, falo com você com sabedoria e cautela. E, no entanto, eu sou louco. Mas eu mascaro a minha loucura. Quero ser louco sozinho.

Meu amigo, você não é meu amigo, mas como faço para você entender? Meu caminho não é o seu caminho, e ainda assim caminhamos juntos, de mãos dadas.

(Tradução de Zião Dionísio)



Auto-retrato (1911)

Kahlil Gibran (1883 - 1931)

UMA CARTA DE AMOR PRA VOCÊ

NAILA LINKER

Querida alma antiga,

Quanto tempo que a gente não se vê...

Desde que te encontrei pela primeira vez, eu me reconheci em você. Já até te falei sobre isso!

Ao mesmo tempo que você trouxe leveza e doçura, você trouxe também brilho e sofisticação para a minha vida que estava vazia e cheia de ilusões.

Quantas vidas se passaram, quantos desencontros desde então, séculos e mais séculos, décadas e décadas, anos e mais anos, meses e mais meses, dias após dias, hora após hora e segundo após segundo, sim parece uma loucura mas me peguei outra vez, pensando e sentindo você.

Sim, novamente. A sua energia chega aqui pra mim primeiro, antes mesmo da sua mente ou do seu corpo. Explicação plausível... de fato não encontro. Só sei e sinto que quando estou contigo, estou no meu lar, na minha casa, no habitat da minha alma e coração no mais alto tom ou vibração energética

possível. Ouço uma música celestial. Um abraço seu para mim é puro ouro, pois não tenho medo de nada quando estou contigo. Pelo contrário, sinto que posso realizar muito mais.

No entanto, nós dois estamos separados novamente pelo tempo, distância e espaço. Há muita coisa envolvida, há ainda mais torres para desabarem antes de estarmos juntos de fato. Há curas e feridas para trabalharmos. Egos para dissolverem para a verdadeira essência renascer. Temos um propósito juntos... eu sei e sinto... mas não sei de você sabe ou está desperto para isso... o fato é que cada um precisa de si mesmo, nesse momento, encontrar primeiro a nossa plenitude e fluirá harmonicamente a nossa reunião, a nossa fusão, o nosso encontro. Sim, a nossa completude. A nossa conexão não é de mentes e nem de corpo, tão longe de ser dessa terra, desse mundo... A nossa conexão é de almas é de outro mundo.

Sim, eu vi você.

Sim, eu vejo você.

Sim, eu verei você.

Lembre-se que nós nos encontramos um no outro o tempo todo. Isso basta. Isso é suficiente para o nosso lindo amor renascer a cada vida, a cada olhar e a cada gesto que exalar a nossa pura e verdadeira essência em amar.

AGENTE 49

ANTÔNIO AUGUSTO BERMOND

E se as doenças do mundo fossem em maior parte causadas por meios desconhecidos, através de um grupo interessado em exterminar a raça humana?

E se você soubesse disso, e lutasse com armas especiais para "purgar" as pessoas dos males, ao mesmo tempo em que caiu numa armadilha do tempo?

Preso a um ano que nunca acaba, correndo atrás de uma saída e se deparando com heróis e vilões fantásticos. Esse é o mote de "Agente 49", livro a ser lançado com uma pitada de nostalgia.

Nele há personagens novos e antigos, criados há quarenta anos atrás, quando o autor ainda era criança e desenhava estórias em quadrinhos para os amigos.

Com um novo fôlego, os heróis estão bem adaptados para uma missão muito atual. Suas ações podem significar a glória ou declínio do gênero humano.

Ao longo de mais de trezentas páginas, desfilam por ali cenários conhecidos do colatinense, zumbis enlouquecidos, magos, monstros, andróides assassinos, intriga, traição, aventura e suspense.

O livro é uma verdadeira caixa de PANDORA. Se decidir abri-lo, deverá aceitar a missão, tornar-se um Agente da BMA... e seguir até o final.

Mas... qual dos finais?

Descubra ainda em 2024.



Medusa

Jacek Malczewski (1854 - 1929)

DICAS DE LIVROS

POR ISOLINA DE CASTRO SOARES

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

João Guimarães Rosa

MEMÓRIAS PÓSTUMAS
DE BRÁS CUBAS

Machado de Assis

VIDAS SECAS

Graciliano Ramos

○ RETRATO DE DORIAN GRAY

Oscar Wilde

○ OS MISERÁVEIS

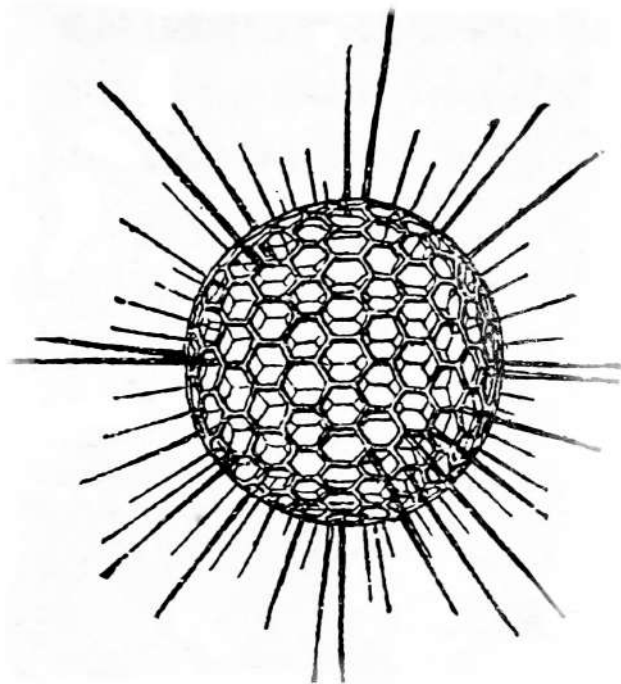
Victor Hugo

CEM ANOS DE SOLIDÃO

Gabriel García Márquez

A HORA DA ESTRELA

Clarice Lispector



Obrigad@ pela leitura =)

Acesse outras obras em:

TROPICALVERSOS.COM



Pix:

poetaziao@gmail.com

NESSA EDIÇÃO DA REVISTA
TEM TEXTOS DE:
ZIÃO DIONÍSIO, ALAN MOORE,
HUGO REIS, ISOLINA DE C. SOARES,
KAHLIL GIBRAN, NAILA LINKER,
ANTÔNIO AUGUSTO BERMOND, E
A ENTREVISTA COM JACIMAR BERTI BOTI



Primavera em Gościeradz (1933)

Leon Wyczółkowski (1852-1936)